



BORBOLETAS

Há quem diga que pessoas que morrem renascem em borboletas. Valentim nunca acreditou em crenças; era um menino de lógica, não era bom com sentimentos. Porém, existia um sentimento repleto de confiabilidade em relação à sua outra metade, seu avô. Dificilmente as pessoas conseguiam entender a conexão deles, pois se viam muito pouco. Seu avô, Célio, não estava nos seus melhores dias, meses.

Ele passava por uma fase difícil; a doença piorava. A mãe de Valentim o deixou com o padrasto enquanto viajava até a casa de seu pai para cuidar dele. O menino pedia à mãe que o mantivesse informado. Na segunda semana, a pobre criança fez uma cabana e mandou um áudio que a faria lembrar-se dele e de seu avô quando ele melhorasse. Depois de enviar a foto da brincadeira, uma borboleta pousou em seu ombro. O menino sentiu vontade de chorar, sem entender o motivo daquela comoção.

Na semana seguinte, sua mãe o avisou de que seu amado avô falecera. O menino, sem esperar pela notícia, não chorou, pelo menos não na frente da mãe. Ninguém imagina a tristeza que ele levaria para o resto de seu tempo aqui. A falta que seu nobre avô faria...

Com o passar do tempo, Valentim pensou no motivo de sua obsessão por borboletas, de tanto amá-las, pois cada uma delas lembrava seu avô. Ele ficou mais fechado, mais introspectivo. A família nunca imaginou o porquê de ele estar assim. O garoto sabia que sua memória não era das melhores; entretanto, ele nunca se esqueceria do momento em que a borboleta parou em seu ombro e, naquele dia, seu confidente havia morrido.

Leticia S. Demenegh

9º ano / Itapema

2024